

MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

organização
Cinara Ferreira
Andrei Cunha

CLASS

MUNDOPOÉTICA

geopolíticas do literário

Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
organização

2020

CLASS

Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2020 da edição:
Andrei Cunha
Cinara Ferreira
Copyright © 2020 dos capítulos:
Seus autores

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Antonio David Cattani
Claudio Vescia Zanini
Daniela Pinheiro Machado Kern
Demetrius Ricco Ávila
Elaine Barros Indrusiak
Jéferson Assunção
Karina de Castilhos Lucena
Luciana Wrege Rassier
Pedro Demenech

Projeto gráfico

Roberto Schmitt-Prym

Capa e ilustração da capa

Andrei dos Santos Cunha

Revisora-chefe

Marianna Ilgenfritz Daudt

Equipe de revisão

Andrei dos Santos Cunha
Anselmo Peres Alós
Cinara Antunes Ferreira
Elizamari Rodrigues Becker
Fernanda Vivaçqua de Souza
Galvão Boarin
Gabriel Pessin Adam
Ian Alexander
Karine Mathias Döll
Marcelo Oliveira da Silva
Rafael de Carvalho Matiello
Brunhara
Vinícius Casanova Ritter

Como citar este livro (ABNT)

CUNHA, Andrei; FERREIRA, Cinara (org.). **Mundopoética: geopolíticas do literário**. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2020.

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204
CEP 90540-000

Porto Alegre, RS, Brasil
Fones: (51) 3779.5784 -
99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M965 Mundopoética: Geopolíticas do literário / organizado por Andrei dos Santos Cunha, Cinara Antunes Ferreira. - Porto Alegre, RS : Class, 2020.
292 p. : il. ; 14cm x 21cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-65-991765-0-0

1. Literatura brasileira. 2. Ensaíos. I. Cunha, Andrei dos Santos. II. Ferreira, Cinara Antunes. III. Título.

2020-1520

CDD 869.94
CDU 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaíos 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaíos 82-4(81)

SUMÁRIO

- 7** **Prefácio**
Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
- 13** **Aproximações entre as Relações Internacionais e a Literatura Comparada por meio da história da tradução**
Andrea Cristiane Kahmann
Gustavo Oliveira Vieira
- 37** **Hipóteses para uma poética em interface com a geopolítica**
Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira
- 49** **Literatura Comparada e teoria queer: diálogos e confluências em tempos de internacionalização**
Anselmo Peres Alós
- 70** **Uma análise de *Submissão* de Michel Houellebecq a partir de teorias de Relações Internacionais críticas**
Cícero Krupp da Luz
- 86** **As produções artísticas e literárias de Josefina Plá e Josely Vianna Baptista a partir do barro: vínculos e convivências em perspectiva transnacional**
Débora Cota
- 103** **Tradução literária e *soft power*: o projeto do Instituto de Tradução da Rússia**
Denise Regina de Sales

- 117** **Poesia brasileira traduzida para o inglês:
com que face somos apresentados ao
mundo anglófono**
Elizamari Rodrigues Becker
- 136** **A origem grega da teoria realista de
Relações Internacionais**
Gabriel Pessin Adam
- 164** **“Slavie em Berlim”, de Yoko Tawada — a
escritora e sua escrita sem morada definida**
Gerson Roberto Neumann
- 181** **Algumas coisas que o Brasil me ensinou
sobre a minha literatura**
Ian Alexander
- 208** **Derivações estéticas
da *Ilíada***
Carlos Leonardo Bonturim Antunes
- 222** **Paisagens do íntimo e as poéticas da
internacionalização**
Maria Luiza Berwanger da Silva
- 235** **A antropofagia como crítica política da
cultura contemporânea**
Rejane Pivetta
- 246** **A estranha poesia das mulheres: corpos,
vozes, performances**
Rita Lenira de Freitas Bittencourt
- 261** **Des-figurações do corpo feminino:
textualidade fora da lei**
Rita Terezinha Schmidt
- 276** **Mário de Andrade, diplomata tropical:
cultura negra, música popular e a revista
*Travel in Brazil***
Roniere Silva Menezes

PREFÁCIO

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto

A geopolítica é uma categoria fundamental para compreendermos o mundo e os processos culturais contemporâneos, em que se observam constantes e dinâmicas relações entre nações, povos, línguas, literaturas, artes, ideias, valores, conhecimentos. A produção de conhecimento, nesse sentido, está vinculada necessariamente à localização geopolítica das instituições em que esse conhecimento é produzido. No campo dos estudos literários, a Literatura Comparada é responsável pela consolidação de obras e análises que compreendem a literatura como um sistema não limitado a fronteiras civilizacionais ou culturais e sempre em interação com outras unidades sociais mais ou menos distantes.

Os artigos que compõem **Mundopoética: geopolíticas do literário** problematizam questões contemporâneas envolvidas na produção do conhecimento crítico e acadêmico e nas obras literárias em diálogo com outras obras, artes e disciplinas, cumprindo o papel da Literatura Comparada de pensar o literário para além das fronteiras nacionais e disciplinares.

Andrea Cristiane Kahmann e Gustavo Oliveira Vieira argumentam, em “Aproximações entre as Relações Internacionais e a Literatura Comparada por meio da história da tradução”, que as línguas e literaturas nacionais, como as entendemos hoje, resultam de um processo de construção dos estados nacionais iniciado na Europa, no final do século

XV, antecedido por crises demográficas e dogmáticas, mas também por (re)escrituras, algumas das quais cruzaram mundos. Para os autores, o conjunto de transformações sociais a que frequentemente nos referimos como modernidade ou como pilares à conformação da cultura ocidental é devedor de sucessivas traduções, algumas das quais foram promovidas em territórios ou em línguas de povos hoje identificados com o Oriente Próximo ou o Médio. Por fim, defendem que a história das traduções e dos discursos sobre o traduzir, ao evidenciar relações de poder, fluxos e construções de imaginários, constituem relevante contribuição para a pesquisa comparatista e podem ser estendidos aos estudos das Relações Internacionais.

Em “Hipóteses para uma poética em interface com a geopolítica”, propomos uma reflexão sobre as contribuições e interfaces possíveis entre o estudo de Literatura Comparada e o de Relações Internacionais. Disciplinas surgidas praticamente ao mesmo tempo no histórico das universidades, elas possuem uma quantidade considerável de percalços teóricos e políticos em comum no histórico de seu desenvolvimento. É nossa intenção apontar alguns exemplos de como essas “coincidências” podem ser produtivas.

Em “Literatura Comparada e teoria *queer*: diálogos e confluências em tempos de internacionalização”, Anselmo Peres Alós discute alguns aspectos do debate em torno dos diálogos possíveis entre os estudos de Literatura Comparada e a teoria *queer* no contexto dos primeiros anos do século XXI, em uma perspectiva (inter-/trans-) nacional. Alós confronta ideias desenvolvidas na seara da Literatura Comparada, relativas ao seu objeto e aos seus métodos, com afirmações e questionamentos feitos pelos pensadores da questão *queer* em torno do corpo, do gênero e do desejo, entendidos como categorias analíticas.

Em “Uma análise de **Submissão** de Michel Houellebecq a partir de teorias de Relações Internacionais críticas”, Cícero Krupp da Luz problematiza as ideias centrais do romance de Houellebecq, desde perspectivas teóricas das Relações Internacionais e do Direito Internacional, baseando-se em estudos críticos pós-coloniais. Essas noções proporcionam tensionar ao menos dois pontos perigosos na narrativa do

autor: o nacionalismo racista e a anistia às controversas relações internacionais históricas entre a França e os povos árabes.

Débora Cota estuda as relações entre literatura, artes plásticas e transnacionalidade em “As produções artísticas e literárias de Josefina Plá e Josely Vianna Baptista a partir do barro: vínculos e convivências em perspectiva transnacional”. Explorando o barro vermelho que reúne Paraguai, Brasil e Argentina, as obras mostram modos distintos, embora não divergentes, de pensar os vínculos e a comunidade. Para desenvolverem suas pesquisas e criações, as artistas trabalham com materiais culturais transnacionais, como a cultura ameríndia ou as missões jesuíticas, que se estendem pela região fronteira. São trabalhos que convivem e fazem conviver a cultura ameríndia e, especialmente, colocam em discussão modos de vinculação com o “outro” e com a comunidade.

Em artigo intitulado “Tradução literária e *soft power*: o projeto do Instituto de Tradução da Rússia”, Denise Regina de Sales tem por objetivo refletir sobre a face multilinguística e multicultural da literatura publicada na Rússia em sua relação com a representação da literatura russa no Brasil. Essa riqueza cultural deve-se, historicamente, a expansões e retrações do Império Russo, da União Soviética e da atual Federação Russa. Muitos dos povos e etnias desse imenso território foram retratados na literatura por autores clássicos. O fenômeno para o qual Sales volta o seu olhar é o do renascimento da produção literária de diversos povos na sua língua local por autores locais. A autora pergunta: Em que medida a representação da literatura russa no Brasil reflete essa face multilinguística e multicultural? Alguns desses escritores têm alcançado o nosso público? Qual é o papel do tradutor e do pesquisador da tradução na abertura para essa diversidade cultural? Para responder a essas perguntas, Sales retoma o conceito de polissistemas para refletir sobre a função da literatura traduzida no contexto da literatura como um todo.

Abordando questões de tradução, Elizamari Rodrigues Becker, em seu artigo intitulado “Poesia brasileira traduzida para o inglês: com que face somos apresentados ao mundo anglófono”, tem por objetivo mostrar os aspectos implicados no processo de tradução e internacionalização de uma obra em outro sistema literário. Becker parte de um levantamento qualitativo e quantitativo da literatura brasileira encontrada

em publicações traduzidas para o inglês, para investigar como esses textos circulam e como projetam o Brasil, sob que políticas editoriais e perspectivas de internacionalização são editados e que autores e gêneros são mais recorrentemente encontrados.

Gabriel Pessin Adam, em “A origem grega da teoria realista de Relações Internacionais”, busca identificar as oito premissas básicas da Teoria Realista (centralidade do Estado nas Relações Internacionais; o Estado como ente unitário; natureza humana; sobrevivência e segurança dos Estados; racionalidade estatal; anarquia do sistema internacional; busca pelo poder; e a balança de poder) na obra de Tucídides, a partir da análise de trechos representativos.

Gerson Roberto Neumann, em “‘Slavie em Berlim’, de Yoko Tawada — a escritora e sua escrita sem morada definida”, destaca que o texto de Yoko Tawada é de difícil definição, a começar pela classificação do gênero em que foi escrito. Neumann apresenta a autora ao público leitor brasileiro, que tem duas obras suas traduzidas recentemente no Brasil. Também apresenta e analisa o poema “*Slavia in Berlin*”, no qual a escritora estabelece um jogo de linguagem com os nomes referentes a espaços, mostrando um pouco da Berlin de seu universo literário.

Em “Algumas coisas que o Brasil me ensinou sobre a minha literatura”, Ian Alexander propõe uma reflexão sobre o estudo da literatura do ponto de vista de alguém que nasceu em Sydney, Austrália, e mora em Porto Alegre, Brasil. O autor discute maneiras de abordar paralelos entre as literaturas da Austrália e do Brasil. Em um segundo momento, Alexander trabalha com o conceito de Novo Mundo, entendido como todos os lugares em que a cultura ocidental se estabeleceu fora da Europa — essencialmente, nas Américas e na Austrália. Em um terceiro momento, a partir de uma experiência mais ampla das relações étnicas no Brasil, o autor inverte o foco: em vez de estabelecer paralelos entre a Austrália e o Brasil, ele procura paralelos entre as culturas (inclusive literárias) do Brasil e aquelas do mundo anglófono.

Leonardo Antunes, por sua vez, em “Derivações estéticas da **Ilíada**”, elege um texto grego como objeto de estudo, analisando diferentes traduções de um mesmo trecho. Seu objetivo é destacar as diversas potencialidades poéticas do texto

de Homero, que ao ser traduzido se constitui como um texto novo, expandindo-se a partir da cristalização do procedimento estético adotado. Antunes ressalta a identidade própria de cada tradução e suas relações de complementariedade umas com as outras e com o texto de partida. Por fim, o autor apresenta um trecho do “Retorno dos Heráclidas”, um poema épico que está compondo por derivação estética da tradição épica antiga e a partir de vestígios da saga, que não sobreviveu exceto por resumos tardios.

No tocante à internacionalização da Literatura Brasileira, Maria Luiza Berwanger da Silva, em “Paisagens do íntimo e as poéticas da internacionalização”, aborda a obra de Clarice Lispector como uma possibilidade de travessia do nacional (Mesmo) ao transnacional (Outro), traçando certo percurso de um sujeito a uma comunidade de sujeitos plurais e diversos. A autora parte da ideia de que a obra de Clarice Lispector tem um “valor purificador”, que encontra elucidação teórica no diálogo do crítico Georges Bataille com o filósofo François Jullien.

Em “A antropofagia como crítica política da cultura contemporânea”, Rejane Pivetta propõe o exame do conceito de antropofagia, a partir do Manifesto Antropófago e de outros ensaios de Oswald de Andrade, refletindo sobre o seu significado enquanto projeto crítico de interpretação da história e da cultura. A autora sustenta que a antropofagia é uma formulação que ultrapassa o ímpeto da vanguarda, abrindo um campo fértil de reflexão sobre as contradições, os impasses e as promessas mal cumpridas da civilização capitalista ocidental, cujos componentes de destruição, violência, desigualdade e autoritarismo ainda hoje persistem.

Rita Lenira de Freitas Bittencourt faz uma leitura da poesia feminina contemporânea em “A estranha poesia das mulheres: corpos, vozes, performances”. A autora atenta para o compartilhamento da sonoridade com a música e da encenação da linguagem com a *performance*, e mesmo com toda a tradição livresca, que inclui a bidimensionalidade da página e os aspectos visuais da escrita. Afinadas com o uso dos corpos e das vozes, as poetisas exploram os limites estéticos e anestésicos da arte, incorporando, na palavra, o orgânico, o político, as condições específicas de gênero, raça e/ou classe, em busca de singularidades identitárias, por um lado, e em rota de fuga de

lugares consolidados de certas dicções, por outro.

Na linha dos estudos de gênero, Rita Terezinha Schmidt, em “Des-figurações do corpo feminino: textualidade fora da lei” aborda a maternidade como instituição imposta à mulher pela cultura ocidental que vê a construção da mulher como corpo “natural”. O ensaio destaca o papel de algumas pensadoras pioneiras, como Simone de Beauvoir, Elizabeth Badinter, Julia Kristeva e Judith Butler, para a desconstrução do chamado instinto materno, constituído discursivamente como “natural”. Na sequência, a autora analisa a obra **Uma/duas**, de Eliane Brum, no que se refere ao caráter performativo do abjeto nessa desconstrução.

Em “Mário de Andrade, diplomata tropical: cultura negra, música popular e a revista *Travel in Brazil*”, Roniere Menezes analisa alguns dos textos escritos por Mário de Andrade — incluindo artigos publicados em **Aspectos do folclore brasileiro** e na revista *Travel in Brazil* — relacionando-os ao projeto mariodeandradiano de divulgação do país no exterior. Menezes detém-se em trabalhos que apresentam uma relação entre o Brasil e os Estados Unidos e que colocam em evidência arquivos sobre a força da cultura popular, principalmente a negra.

Com os estudos reunidos neste livro, evidencia-se a pertinência e a necessidade dos estudos comparatistas na perspectiva das Relações Internacionais, na medida em que se leva em consideração que a geopolítica condiciona tanto a produção da literatura de um determinado lugar quanto a produção de conhecimento sobre essa literatura.

Andrei dos Santos Cunha
Cinara Antunes Ferreira